

A fartura que brota do chão de Joselma: a maravilha em um hectare no Sertão

Joselma Moura da Silva, 49 anos, carrega nas mãos a textura da terra que cultiva há quase três décadas. Casada com Raimundo Moura há 29 anos, ela viu o Sítio Fazenda Nova, em São José do Egito, mudar tudo em termos de esperança. Por muito tempo, a vida dela foi marcada pela "lata d'água na cabeça" ou pelo carro de boi, buscando água em poços distantes para abastecer toda a vizinhança. Hoje, a realidade tem outro nome: Segunda Água.

Há cerca de três anos, a chegada da cisterna de produção, conhecida como cisterna de segunda água, do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) transformou o pequeno lote de um hectare da família em um canteiro de diversidade. O que antes era uma terra de plantio restrito ao milho e feijão de vara, hoje é um pomar vivo e uma horta vibrante que desafia as estatísticas de produtividade para uma área tão pequena.

A lista que Dona Joselma enumera com orgulho é surpreendente. Em apenas um hectare, ela e o marido produzem: cebolinha, alface, pimentão, pimenta de cheiro, quiabo, melancia, jerimum, batata, macaxeira, pepino, banana, limão, maracujá, acerola, manga, pinha, caju, laranja, milho, feijão, capim e palma.



"É tanta coisa que a gente planta... Antes a gente tinha que comprar tudo na rua, e se não tivesse o dinheiro, como fazia? Hoje não. Eu vou ali rapidinho, pego o que preciso e ponho no fogo. É tudo saudável, sem veneno. Você sente o cheiro de longe"

A importância da cisterna de produção ficou provada no período crítico entre setembro de 2025 e janeiro de 2026. Em meio a uma seca severa que castigou a região, foi a água armazenada e o manejo cuidadoso que garantiram que a comida não faltasse à mesa. O espírito de comunidade e ajuda mútua entre as irmãs de terra também garantiu que o ciclo não parasse.

Além de alimentar a casa, a produção da família transborda. O marido Raimundo, vende de porta em porta ovos, hortaliças e frutas. É uma renda que ajuda a enfrentar despesas pesadas com a saúde de Raimundo, que chegam a ultrapassar os 500 reais mensais para a saúde do esposo.

Apesar de toda essa mudança, a agricultura ainda não é a principal fonte de renda da família, mesmo sendo um futuro mais próximo. Para complementar a renda, ela ainda enfrenta jornadas exaustivas em restaurantes da região, saindo de casa antes das 5h da manhã e trabalhando 11 horas por dia na pia e no fogão por uma diária que nem sempre chega aos 100 reais. É um trabalho pesado, que a deixa cansada, mas que ela encara com a altivez de quem sabe que o porto seguro é o seu pedaço de chão.

Sua sensibilidade com o próximo é uma marca registrada. Mesmo com as dificuldades financeiras, Joselma não fecha a mão para quem tem menos.



"Quando vejo alguém doente ou com fome, me preocupo demais. Tem gente que está com a barriga cheia e não se importa, mas meu coração é diferente. O que sobra aqui, eu dou. Deus está vendo, e o que importa é o ato de bondade."

Para as famílias que ainda aguardam a chegada de sua tecnologia social, dona Joselma é enfática: a cisterna é uma bênção, mas exige zelo. Ela critica a preguiça e defende que a terra responde a quem lhe dá carinho.



"Se as famílias receberem e plantarem, é bom demais. Mas tem que cuidar! Tem que ter coragem de enfrentar o sol, de limpar o mato, de molhar as plantas. Ver esse pé de banana botando cacho, ver a horta verdinha... isso é o que dá força para a gente continuar."



O Boletim Candeeiro traz a história de Joselma para lembrar que a segurança alimentar no Semiárido passa pela autonomia das mulheres. Joselma não é apenas uma agricultora. Ela é uma guardiã da vida, transformando cada gota de água em alimento, dignidade e generosidade.